

A redução dos Zamuco no contexto colonial do século XVIII

The reduction of the Zamuco in the colonial context of the 18th century

Fúlvio Vinícius Arnt¹

fvarnt@unisinos.br

Resumo. O artigo examina as causas que levaram à cristianização dos Zamuco, no início do século XVIII, e ao posterior abandono da redução jesuítica criada entre eles (no Chaco Boreal), no final do ano de 1745. Alicerçada nos interesses mútuos de jesuítas e indígenas, além de ser um projeto de colonização que visava encurtar distâncias entre as cidades de Santa Cruz de la Sierra e Assunção, buscou criar meios de explorar economicamente a região, por um lado, e conter o avanço dos bandeirantes paulistas, por outro. Os acontecimentos desencadeados a partir de alterações nesse projeto e a tentativa de inserção dos Zamuco no modo de vida da sociedade colonial acabaram comprometendo o sucesso do empreendimento jesuítico na região.

Palavras-chave: reduções jesuíticas, Bolívia, Zamuco.

Abstract. This article examines the causes that led to the Christianization of the Zamuco in the beginning of the 18th century and to the demise of this Jesuit reduction (created in the Boreal Chaco) at the end of 1745. The reduction, which was based on the mutual interests of Jesuits and aboriginals, was not only a colonization project that aimed at shortening the distance between the cities of Santa Cruz of la Sierra and Asunción. It also tried to create means to economically and to contain the advance of the “Bandeirantes” from São Paulo. The events that resulted from changes in this project and the attempt to insert of the Zamuco in the way of life of the colonial society ended up undermining the success of the Jesuits’ enterprise in the region.

Key words: Jesuit reductions, Bolivia, Zamuco.

¹ Mestre em Estudos Históricos Latino-Americanos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; pesquisador do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.

Do interior da Bolívia, resgatamos uma história vivida por populações pretéritas que, de algum modo, estiveram em contato entre si e com os colonizadores europeus, movimentando-se desde a nascente do rio São Miguel na Bolívia, por entre os espinhos e a poeira do semi-árido chaquenho, até as cercanias alagadiças do município de Corumbá no Brasil.

Apesar de aparentemente hostil e inóspito, seres humanos têm se desenvolvido na região do Chaco Boreal

desde pelo menos 8 mil anos (conforme Schmitz *et al.*, 1998), habitando os ecossistemas diversificados, de forma variada e com finalidades específicas. Capões de mato são encontrados em toda esta extensa área, e neles foram desenvolvidas desde atividades simples para a sobrevivência de pequenos grupos familiares até complexos rituais funerários. As encostas dos planaltos pantaneiros abrigam extensos lajedos com petroglifos, e os solos com maiores

índices de nutrientes presentes no local propiciaram o desenvolvimento e a manutenção de sociedades hortícolas possuidoras de uma relativa complexidade.

A subsistência dos povos do Chaco, sejam caçadores-coletores, sejam cultivadores, dependia basicamente dos recursos naturais do território que ocupavam. A exploração dos recursos naturais diferenciava-se de um para outro grupo conforme o acondicionamento ambiental e/ou a intensidade usufrutuária dos territórios relacionada com a estrutura sócio-econômica.

O espaço vital dos indígenas do Chaco Boreal eram as praças de caça, de coleta de algarrobo ou de pesca. Para eles era sua terra, com limites bem demarcados por acidentes geográficos ou por elementos naturais. Esses limites implicavam um direito exclusivo de exploração de recursos que lhes era atribuído, podendo ser compartilhado ou combatido conforme a disponibilidade do sítio. O Chaco pré-contato podia ser considerado como rico provedor de caça, caracterizado pelo encerramento de grandes mamíferos nas ribeiras dos poucos rios que o atravessam (Arnt, 2005, p. 33).

Enfim, o “deserto” conformado entre a Bolívia e o Paraguai foi o cenário no qual comunidades indígenas disputaram entre si o controle sobre as águas, as plantas e os animais; combateram os horticultores-cativadores Aruak e Guaraní – desde aproximadamente 4 mil anos atrás, quando começaram a migrar da região amazônica em busca de novos habitats onde pudessem aperfeiçoar seu modo de vida –, bem como contataram os conquistadores espanhóis e bandeirantes portugueses. Foram cristianizados pelos jesuítas e ajudaram na cristianização de outros povos, até 1767, quando esses sacerdotes foram expulsos do continente pelos decretos reais de Espanha e Portugal.

Neste contexto, a história de um pequeno grupo humano que surgiu naquele primeiro período, os Zamuco, e que sobreviveu a todo o desenrolar do processo histórico de conquista e colonização da América do Sul, sem sofrer, contudo, alterações em sua essência, foi o objeto de estudo deste trabalho. Seus integrantes estiveram, então, no centro das pressões relatadas acima, sofreram com elas e modificaram aspectos fundamentais de sua cultura e de seu modo de ser para que, dessa forma, pudessem se manter enquanto humanidade.

Em função de terem sido restringidos a uma área cujo ambiente lhes proporcionava recursos característicos de um clima semi-árido (composto por pequenos mamíferos, algumas aves migratórias e grandes predadores, por uma vegetação notadamente rasteira, espinhosa, e de madeirame extremamente duro, em função do sistema pluviométrico e hídrico), esta população teve de criar uma série de adaptações culturais e organizacionais que fossem capazes de dar conta das transformações radicais às quais ficava exposta em períodos alternados de tempo. Esses períodos eram regidos pelas duas estações climáticas chaquenhãs, ou seja, a estação da seca e a estação chuvosa.

Assim, os Zamuco desenvolveram um sistema econômico baseado na caça-coleta de animais e vegetais que se ligava ao sistema social baseado em parentescos e afinidades, dividido por sexo e faixa etária, de modo a suprir a falta de recursos em determinadas épocas do ano.

Devido à falta de matéria-prima para criar instrumentos mais elaborados, a principal arma de que dispunham era a relação de companheirismo por associação. Essas associações se deram entre os grupos de trabalho divididos por sexo, que executavam tarefas designadas para cada um, unindo-se por um determinado período de tempo, a fim de, juntos, acumularem recursos suficientes para prover as famílias estendidas. Excludente, tal sistema alijava os jovens e os velhos.

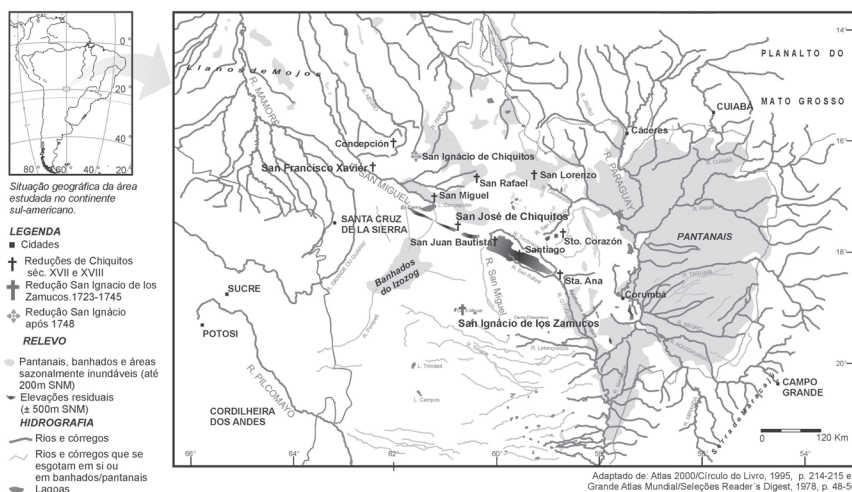


Figura 1. A Província de Chiquitos e as localizações de San Ignacio, séc. XVIII.

Ao ser desenvolvido, ele acabou cedendo aos velhos que ficavam de fora das obrigações de manutenção da vida comunitária o poder político/decisório. Assim, criaram uma cosmologia que pautava a vida da comunidade em todos os aspectos, físicos e legais, na qual o centro de controle era guardado e fiscalizado por esses velhos, em especial os homens. Tabus alimentares, regras de convivência, conselhos deliberativos, contratos matrimoniais, mitos, ritos, etc. eram cuidadosamente vigiados e regulados por este segmento social. Eles também eram os responsáveis pelos ensinamentos para a vida adulta dos jovens, e vigiavam os segredos tribais de tal modo que nem mulheres nem crianças tivessem acesso a essa sabedoria ancestral.

Para a manutenção desse modo de vida, eram necessárias constantes movimentações, sendo que segmentações e mestiçagens intertribais e interétnicas foram geradas, a longo prazo, tanto pelas pressões internas quanto pelas pressões externas ao grupo. Ao se verem privados de recursos devido à intensa exploração de uma mesma área, os Zamuco tinham de se deslocar de uma, para outra região do Chaco Boreal, onde houvesse maior disponibilidade de alimentos.

Segundo a antropóloga Branislava Susnik, o contato periférico com povos de cultura neolítica motivou uma transculturação pré-histórica das tribos Zamuco que habitariam a região de Santa Cruz de la Sierra. Desse modo, puderam criar estratégias para a manutenção cultural, quando os grupos de mesma filiação lingüística acabaram seguindo deslocamentos distintos:

a. Los diversos grupos de los Zamucos Zatieños, conocidos con el apelativo de Ybiraya, ocuparon las zonas del extremo occidental del Chaco Boreal, tratando de penetrar hacia el Sur, de donde sus luchas incluso con los Mbayá-Guaycurúes; quedaron, empero, limitados a las zonas áridas y subsistencialmente difíciles, por la potencia de otras tribus desplazantes en el mismo período.

b. Los grupos de la rama Caitpotorade, con los Timinabas e Imonos, siguieron el rumbo surestino, ocupando el Norte del Chaco Boreal central, limitando con los feroces Mbayáes, quienes atajaban su salida hacia el Río Paraguay; su ocupación de estas tierras fue en desmedro de los proto-pobladores del phylum Otuquis-Bororó, los cuales tuvieron que retirarse más al Norte, hacia las tierras del Río Otuquis.

c. Los grupos de los Morotocos se movían al borde de las Sierras Chiquitanas, con expansión central y con cierto ethos agresivo frente a los restantes grupos zamucos; precisamente los grupos de esta rama presentan más divergencias en cuanto a los caracteres físicos y algunas peculiaridades culturales, que recuerdan ciertas afinidades asimiladas con los antiguos Lengua-Cochaboth, originarios de las zonas de los prehistóricos Gorgotoquis.

d. Otros grupos, del tipo Poturero, llegaron a penetrar hasta los Xarayes, los más orientales en la Época Colonial; su contacto con los Otuquis fue más directo e inmediato.
e. Los grupos del tipo Ugaraño o Tsiracua quedaban, siempre en busca de lugares inhóspitos, fuera de las luchas intertribales en la región cercana a los pantanos del Izozó (Susnik, 1972, p. 26-27).

Durante essas movimentações, a falta de água fazia com que as famílias tivessem de se dividir, de modo a não perecerem devido à desidratação. Contudo, nem sempre se chegava a um acordo sobre que local seria mais adequado para migrar, aparecendo atritos entre essas famílias extensas. Disputas por “oásis” acabaram levando ao aparecimento de líderes guerreiros e líderes xamânicos que formavam seus próprios bandos, divididos em clãs e metades que se relacionavam entre si, através de alianças e disputas.

Era inevitável encontrar-se com outros grupos étnicos durante essas movimentações, e a troca de mercadorias podia ser efetuada, caso houvesse recursos suficientes para tal e as necessidades assim o exigissem.

Dessa maneira, muitos materiais de que não se dispunha no deserto chaquenho eram trocados, principalmente, por cativos fornecidos pelos Zamuco, sejam eles de origem extratribal, sejam do próprio grupo:

Os mesmos attentados com que os Uaicurus reduziram e agregaram á si os Guanás, são semelhantemente os mesmos com que tem reduzido parte dos Xamicocos; pois visitando-os por muitas vezes cada anno, e sempre com indifferente semblante de paz e de guerra, para lhes comprarem alguns filhos e captivos, ordinaria e perfidamente, por ajuste de contas, lhes matavam quantos achavam em descuido [...] (Baldus, 1927, p. 18-19).

As tribos de outras origens étnicas também transmitiam as informações referentes a outros grupos, e, assim, os Zamuco ficaram sabendo, através dos Chiriguano e dos Guaicuru, que outros homens se aproximavam e que possuíam um modo muito peculiar de se vestir, de falar e de agir. Através dos Chiquitos, os Zamuco conheceram os sacerdotes da Companhia de Jesus e souberam como se portar e que vantagens poderiam tirar de uma convivência com eles. De outro modo, seja por experiência própria ou pelos Chané do alto Paraguai, os Zamuco descobriram que existiam outros cativadores nas cercanias, os bandeirantes portugueses, cujo ímpeto para o aprisionamento era muito maior do que o de qualquer outro grupo com o qual já tinham entrado em contato.

Apesar de se movimentarem numa região cujo potencial agro-pastoril fosse muito baixo, os Zamuco se localizavam num ponto estratégico para a colonização

espanhola e portuguesa. Eles estavam no meio do caminho entre São Paulo e as preciosas minas de prata dos Andes, bem como podiam ser úteis como escravos para agüentar a insalubridade do sistema agrícola colonial:

También este aspecto de la defensa contra incursiones desde Brasil era argumento invocado en el Proyecto sobre la comunicación de Chiquitos con el Paraguay: la seguridad de Santa Cruz de la Sierra depende de la de Chiquitos porque ambas son “el objeto más precioso de la ansia portuguesa” [...] (Guerreira, 1995, p. 35).

Las misiones tentan también como intento abrir nuevas rutas de comunicación. Por ejemplo, las misiones de Chiquitos se iniciaron en 1668, con el fin de tener una escala en el camino al río Paraguay. Las excursiones de los Mamelucos y bandeirantes brasileños que asolaban al Guairá, parte del Paraguay y Chiquitos, para esclavizar indígenas y venderlos en el Brasil, fueron siempre un terrible obstáculo contra la paz y progreso de las misiones. No obstante, los ataques de los paulistas pudieron ser rechazados y los misioneros continuaron el cultivo espiritual de sus neófitos (Gandía, 1935, p. 162-163).

Com ou sem o apoio da Coroa, em diversos momentos as Missões dos Chiquitos agiram contra os bandeirantes até mesmo por uma questão de sobrevivência, uma vez que os exemplos próximos como Itatim, Guairá, Tape e outros mostraram quais eram as consequências dos ataques paulistas (Schuch, 1991, p. 23).

Para os espanhóis, eles representavam uma porta de entrada para diminuir as distâncias entre Santa Cruz de la Sierra e Assunção, que na época eram cidades importantes para o desenvolvimento e avanço da colônia; conheciam bem a região, eram hábeis em se movimentar pelo território, podendo ser úteis na defesa da fronteira entre as possessões de Espanha e Portugal; e ainda eram capazes de prover de sal e cera o comércio que se desenvolvia nestas cidades. Além disso, seriam muito úteis para auxiliar na pacificação dos Chiriguano, que impediam o acesso às maiores regiões de extração de sal conhecidas até então: “[...] la región de Chiquitos proporcionó en su espacio más meridional, al borde del Chaco Boreal, el aprovisionamiento de uno de los productos más apreciados por su escasez en el resto del área oriental: la sal [...]” (Guerreira, 1995, p. 41).

Adaptando o modelo missional preconcebido com os Guaranis do Paraguai, Guairá e Tape à realidade do ambiente e das populações do Chaco Boreal, os jesuítas criaram, de 1692 a 1720, seis reduções entre os índios Chiquitos que visaram, entre outros objetivos, abrir um caminho seguro capaz de ligar Santa Cruz de la Sierra à capital da Província do Paraguai, Assunção. Ao se verem forçados a retroceder na empresa, devido

à belicosidade dos índios e aos avanços das bandeiras paulistas sobre o alto Paraguai, os jesuítas centraram seus esforços na busca por um caminho pelo rio Pilcomayo. Para isso, era inevitável que fossem convertidos os Zamuco ao cristianismo, abrindo novas rotas de extração de sal e cera, criando, desse modo, uma base para exploração do território chaquenho.

Boccará (2004, p. 5) lembra que os indígenas não são uma massa amorfa e inerte submetida à dominação colonial, como até há pouco tempo se pensava. Ao contrário, os recentes trabalhos de cunho etno-histórico fizeram descobrir não só as capacidades de resistência e de adaptação dos povos americanos, como também notáveis faculdades criativas e de inovação.

Além do mais, as respostas dadas à irrupção colonial e às pressões exercidas pelos estados nacionais foram muito variadas e não conduziram necessariamente à desestruturação das sociedades indígenas ou à desaparecimento de uma suposta “pureza original”, se comparados os relatos dos jesuítas e demais espanhóis referentes aos antigos Zamuco.

Desse modo, a fome, as doenças e as perseguições dos *encomenderos* espanhóis e bandeirantes paulistas fizeram com que os Zamuco se aproximassem dos sacerdotes. Estes garantiam suprimentos de alimentos e água, proteção em caso de guerras, a cura para as moléstias e um novo *status* para as lideranças, bastando, para isso, que os indígenas seguissem as normas estabelecidas pelos jesuítas, obedecessem a um senhor distante e adotassem uma divindade única, mais distante ainda.

Seguindo a concepção urbanística de reduções que havia no século XVIII, a redução de San Ignacio de los Zamucos possivelmente foi erguida em local onde a água estivesse disponível por um tempo maior, ou não fosse tão escassa, no qual o solo pudesse ser irrigado e cultivado, e não muito distante de pastagens capazes de alimentar algumas cabeças de gado, suprindo, assim, a necessidade de carne. Entretanto, a descrição detalhada do ambiente da localidade em que ela foi erguida não está presente nos textos jesuíticos da época, nem a conformação do espaço reducional. Eles apenas se atêm ao fato de que os povoados de índios foram construídos de forma a manter cada etnia em um “bairro” específico, mais ou menos parecido com o que se processou com os Chiquitos. Através desses bairros manteriam alguns hábitos antigos, frente à homogeneização promovida pelo método jesuítico.

O traçado da redução possivelmente se assemelhava ao traçado das reduções de Chiquitos, porém, devido aos poucos recursos de que o Chaco Boreal dispõem, a igreja não deve ter passado de uma cabana de madeira, coberta com um telhado de palha; talvez houvesse uma torre para um sino, como era praxe na concepção arquitetônica jesuítica, porém os documentos não elucidam a questão. Eles apenas indicam que o Cura, ao se mobilizar para construir a igreja, teria trazido consigo o material suficiente para as missas.

A casa dos padres ficaria a certa distância da igreja, e ela foi erguida graças à persistência do padre Bandiera em se abrigar melhor, de modo que pudesse estudar a língua dos indígenas sem a perturbação das intempéries (Bandiera, 1723). Não existiria uma casa separada para órfãos, viúvas e enfermos, tal como ocorria nas reduções do Paraguai, Guairá e Tape.

Devido às condições ambientais, às severas regulamentações sobre o consumo e distribuição de carne de gado e aos constantes abandonos da redução por parte dos indígenas, a estância dessa missão também não deve ter sido muito permanente. Há apenas uma referência sobre 400 cabeças de gado (em 1745), nas quais possivelmente se somavam o vacum, cavalar e o lanífero:

[...] de las parcialidades de los Zamucos, Cucutares, Satienos, Ugaraños, Itapíos; con el resumen general y memorias de los bienes de comunidad de dicho pueblo, consistentes en dos estancias de ganado vacuno, que la una tendrá 300 cabezas y la outra 100, entre grandes y chicas, y en una chacra en que siembra maíces, yucas y porotos y otros frutos de la tierra (Pastells, 1946, p. 657).

Deve-se salientar que os indígenas que compunham a redução eram essencialmente caçadores-coletores e não estavam habituados com o manejo do cavalo, muito menos com a racionalização do provimento de alimentos. Quando existe alguma referência a índios montados nos documentos, aparecem somente aqueles Chiquitos que conduziam o gado até a redução e faziam parte da comitiva dos padres.

Conviveram, então, num mesmo espaço, quatro tribos que falavam um mesmo dialeto, o Zamuco, além dos dois padres encarregados da cristianização dos indígenas e de alguns índios Chiquito.

Ao se estabelecer uma separação residencial por bairros, os padres fomentaram a manutenção dos antigos costumes indígenas, pois em seus redutos era-lhes permitido o uso de sua própria língua, ao invés da língua geral (San Ignacio foi uma exceção entre as demais reduções, pois nela a língua geral era o Zamuco e não a língua dos Chiquitos). Dessa forma, longe das vistas dos padres e enquanto estes se ocupavam com seus afazeres, os líderes que se sentiam prejudicados com a introdução de novos grupos étnicos na redução podiam confabular contra seus desafetos ou mesmo contra os jesuítas.

Além disso, não abandonaram certas práticas tradicionais, pois a manutenção da vida ainda era precária nesses primeiros momentos da redução, dependendo da prática de caçar e coletar alimentos. Assim, as normas criadas a partir dessa relação com o ambiente não foram desfeitas ou esquecidas, nem houve a necessidade de adaptá-las a uma realidade horticulora que se impunha. Pelo contrário, o uso dos instrumentos fornecidos pelos jesuítas contribuía bastante para a manutenção dessas relações e normatizações,

ao disponibilizar adagas e machados de metal, cuja vida útil era mais longa que a dos antigos instrumentos líticos ou de origem vegetal. As práticas extrativistas foram bem aproveitadas pelos sacerdotes da Companhia de Jesus, pois eram inseridas no sistema econômico como forma de pagamento pelos produtos comercializados com os espanhóis. Assim, os jesuítas exigiam dos indígenas sal, cera e fios de algodão em troca de instrumentos de metal e outros produtos que não podiam ser confeccionados na redução.

Nesse período inicial, muitos neófitos foram perdidos: seja por fuga devido às condições de vida ou às pressões interétnicas, seja por morte, nas brigas, pelas doenças ou pela falta de água. Todas as relações entre indígenas cristãos e espanhóis das cidades foram proibidas, acarretando punições severas aos infratores. A evasão de segmentos das diversas etnias que compunham a redução era constante, e as visitas de parentes que não se tinham cristianizado aos habitantes dos *pueblos* não podiam ser controladas pelos jesuítas, pois foram sempre acobertadas pelo *Cabildo*, interessado na manutenção dessa dinâmica.

A falta de recursos, que minava a saúde dos habitantes do Chaco Boreal, a medicina ainda em desenvolvimento pelos jesuítas e fortemente ligada às questões espirituais (apresentava-se como única alternativa às pajelanças dos feiticeiros indígenas) e, finalmente, as condições de higiene dos bairros indígenas que compunham a redução de San Ignacio, carentes de água limpa, foram os fatores que mais contribuíram para que epidemias de diversas doenças rendessem uma dinâmica tão sazonal quanto a estação das chuvas:

El año de 1736 ha sido infeliz para el pueblo de San Ignacio de los zamucos, porque entró en él la peste de la viruela, tan fatal para los indios, y mostró un carácter tan maligno, que ni el más solícito cuidado de los Padres no pudo atajar el mal, el cual arrebató más de cuatrocientas almas; pero felizmente no murió nadie sin los últimos sacramentos, de los que eran capaces de recibirlos (Cartas Anuas, 1735-1743, p. 503).

No se pegó este mal a los chiquitos, por la gran distancia entre ellos y los zamucos (Cartas Anuas, 1735-1743, p. 504).

Contudo, as grandes distâncias que separavam a redução de San Ignacio das demais que formavam a Missão de Chiquitos, neste caso, foram aliadas dos jesuítas no combate à varíola. Normalmente, as pessoas infectadas não conseguiam sobreviver à jornada pelo deserto chaquenho; dessa forma, a doença dificilmente migrava de redução uma para outra, como era comum acontecer nos povoados relativamente próximos das outras Missões de Chiquitos.

Estas doenças também eram responsáveis por ondas de instabilidade no ânimo dos habitantes do *pueblo* de San Ignacio,

pois era bastante comum que se atribuísssem as enfermidades ou mesmo a morte dos parentes a algum feitiço lançado pelo xamã de um grupo pelo qual se tinha antipatia. Como se pôde observar, a adesão ao sistema reducional e o êxodo do mesmo eram práticas quase que diárias dos diversos componentes indígenas da missão. Logo, atribuir a culpa do adoecimento aos que chegavam ou aos que se iam tornou-se corriqueiro, despertando agitações para vingar a morte das supostas vítimas.

Durante todos os anos em que a redução se manteve (de 1723 a 1745), diversas vezes os jesuítas tiveram de intervir nas relações intertribais, pois uma tribo expulsava a outra ou um líder acusava o outro de estar recebendo mais auxílio do que o concedido a sele mesmo pelo padre. Normalmente, os problemas se agravavam quando o cura da missão se ausentava, por buscar recursos nas outras reduções de Chiquitos, por sair em missões volantes para converter outros indígenas ou por estar desbravando o território, buscando novos caminhos que os ligassem a Assunção:

[...] entre los indios es muy raro que los odios dejen de ser perpetuos, no siendo menester menos que un milagro de la gracia para sofocarlos del todo; y que, aún después de la más sincera reconciliación, basta el más leve motivo para avivarlos de nuevo. Esto es lo que sucedió en San Ignacio cuando menos se pensaba. Los ugaraios, que eran los últimos que se habían juntado con los demás, habían sido mucho tiempo enemigos mortales de ellos, y el P. Castañares se lisonjeó con demasiada facilidad de haberlos reconciliado perfectamente unos con otros. No tuvo ocasión de arrepentirse mientras él gobernó aquella iglesia; pero apenas los hubo dejado, cuando se suscitó de nuevo la antipatía por una y otra parte, y cobró tales fuerzas, que para evitar que se viniese a un rompimiento, juzgaron prudente ambos partidos separarse sin decir nada a sus pastores; y, tirando cada uno por su lado, se halló la Reducción sin habitantes (Charlevoix, 1916, p. 132-133).

Em uma carta enviada ao vice-provincial, o padre Chomé não se deixava desanimar frente às agruras que se lhe opunham no intento de desbravar as terras chaquenhãs:

No tema Vuestra reverencia que yo me acobarde, por este fracaso, a proseguir esta empresa. Al contrario, me siento animado a volver a la carga el año que viene. ... Parece que los indios de mi comitiva se avergüensan de haberme abandonado, y me aseguran que el otro año me acompañarían con más fidelidad, adonde los quisiera yo llevar. ¡Quiera Dios! Que su error pasado les sirva de estímulo y valor. Me resolví a emprender este viaje por el mes de marzo del año que viene; pues prefiero aguantar las molestias de las lluvias, en lugar del martirio de la sed (Cartas Anuas, 1735-1743, p. 512-513).

Devido aos problemas internos, San Ignacio de los Zamuco chegou a ser abandonada, parcialmente por diversas vezes, e completamente duas (uma em 1724, por ordem do provincial, e a outra em 1745, conforme o trecho descrito acima). Contribuíram para isso: (a) o modo de vida indígena, aliado aos problemas na obtenção de recursos alimentares e de água; (b) as investidas dos inimigos dos Zamuco cristianizados, sejam formados por tribos de outros Zamuco, seja por grupos étnicos diversos; (c) a presença constante de portugueses nas proximidades do rio Paraguay, chegando inclusive a passar pelo território Zamuco e acampar em uma região muito próxima a Santa Cruz de la Sierra; (d) a criação da cidade de Cuiabá, no atual estado de Mato Grosso, o que gerou não só insegurança por parte dos administradores civis, como também insegurança por parte dos líderes indígenas da redução; (e) as doenças que se espalhavam rapidamente pelos bairros da redução, vitimando dezenas de índios, principalmente devido à falta de água potável.

Conforme dados dos levantamentos feitos pelos padres, San Ignacio chegou a contar com 683 almas, sendo considerada muito pequena e de pouca expressividade no intento de cristianizar indígenas.

Contudo, sua importância residia na localização estratégica, a qual permitiu que fossem investidos 22 anos na manutenção dessa missão. A principal característica funcional de San Ignacio parece ter sido, então, a de constituir um ponto de apoio para as explorações jesuíticas em direção ao rio Pilcomayo e ao rio Paraguay, e, quando fossem conquistados tais caminhos, servir como um pouso seguro, onde os viajantes pudessem descansar e obter recursos para prosseguir em suas possíveis viagens para Santa Cruz ou para Assunção.

No ha sido más feliz el empeño del Padre Ignacio Chome, de irse por tierra. Se había marchado para cumplir las órdenes de los superiores, pero solo con pocos zamucos escogidos, con la idea de llegar desde el pueblo de San Ignacio hasta las orillas del río Pilcomayo. Apenas había avanzado unos tres días, cuando tropezó con dificultades insuperables. Toda la tierra estaba todavía bajo el agua, desde la pasada inundación, y además muy fangosa, así que los viajeros continuamente entraron al barro hasta las rodillas, fatigándolos de tal manera, que desesperaron poder pasar adelante en esta bajada, y no hubo esperanza de hallar más adelante un suelo más duro. Así resolvieron todos, volver al pueblo. Era muy acertado este arbitrio, de no querer vencer inútilmente lo imposible. [...] sí quedó abundantemente comprobado que era completamente impracticable el intento por tantos años acariciado. Pues, al hacer una tentativa de pasar por allí en tiempo de sequía, se hace ella intolerable por la falta de agua; si se la hace inmediatamente después de las inundaciones, la hace imposible la dificultad recién expresada. Bien considerado todo esto, no era difícil comprender que este problema era

muy pesado, habiendo quedado fracasadas todas las tentativas de hallar una comunicación entre las misiones del Paraguay y las de los chiquitos por-vía del río Pilcomayo (Cartas Anuas, 1735-1743, p. 538-539).

As atenções das administrações civis e religiosas voltaram-se para o alto curso do rio Paraguay quando souberam que os portugueses haviam encontrado ouro e fundado uma vila nesta região (Cuiabá). Assim, resultado também de não se ter nunca conseguido abrir um caminho eficiente até o rio Pilcomayo, o projeto de se criar uma rota através deste foi abandonado e, conseqüentemente, San Ignacio de los Zamucos perdeu importância.

Ao criar a redução de San Ignacio de los Zamucos, em 1723, o padre Juan Bautista Zea não imaginava os problemas e as turbulências pelas quais seus sucessores teriam de passar até conseguirem estabilizar tal população, fixa em um mesmo local, convivendo com outros grupos étnicos e com tribos historicamente inimigas entre si. Tal façanha só foi conquistada porque os sacerdotes aprenderam com a experiência, que custou a vida e a saúde de indígenas, coadjutores e outros colegas da Ordem, as maneiras pelas quais se poderia penetrar nos corações desses “selvagens” e persuadi-los, através de presentes, curas e discursos, a abandonar certas práticas e viver em uma relativa harmonia.

O abandono do projeto de se construir um caminho seguro para comunicar Santa Cruz de la Sierra a Assunção marca também o fim do período áureo da redução de San Ignacio de los Zamucos. A partir de então, a situação declinou até o completo abandono da redução por parte dos indígenas cristianizados. Aos poucos, abriam-se novas esperanças de estabelecer os contatos entre as províncias através do rio Paraguay, pois a conquista espiritual se estendia por Chiquitos em direção ao leste, trazendo novos povos indígenas para a fé em Cristo e criando-se, assim, novas reduções.

Contudo, as disputas internas e epidemias de varíola que assolavam a redução, fizeram com que, em 1745, todas as tribos indígenas abandonassem os padres Ignacio Chomé e Diego Contreras, para voltar ao seu antigo território, onde acreditavam que encontrariam a cura para seus males.

Após alguns meses, poucas famílias retornaram ao convívio dos jesuítas, mesclaram-se com a população de Chiquitos e voltaram a levar uma “vida cristã”. Outras retomaram seu antigo modo de vida, segmentando-se e aliando-se com outros zamucos ou outras etnias. Estas buscaram acercar-se cada vez mais de um novo ambiente (a porção úmida do Chaco/Pantanal) que se oferecia através das derrotas sofridas pelos Guaicurú perante a sociedade colonial, deixando para trás uma história que queriam esquecer.

San Ignacio de los Zamucos foi completamente apagada da memória de seus antigos habitantes, e, diferentemente do que ocorreu nas missões jesuítico-

guaranis, nem mesmo ruínas sobraram para marcar essa integração entre o mundo colonizado e o universo indígena.

Referências

- ARNT, F. V. 2005. *San Ignacio de los Zamucos: índios e jesuítas no coração do deserto sul-americano, século XVIII*. São Leopoldo, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinis.br/textos/arnt-2005/arnt-2005.PDF>.
- BANDIERA, D. 1723. *Notícia de lo sucedido al padre Bandiera en la ida y estada en San Ignacio de los Zamucos, las reyertas de aquellas naciones, y una descripción de sus tierras*. (Coleção de Angelis [inédita], transcrita pelo padre Bruxel, depositada no Instituto Anchietano de Pesquisas).
- BOCCARA, G. 2004. *Relectura de los procesos coloniales de etnogénesis, etnificación y mestizaje en tiempos de globalización. In: Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo, E-review*. Disponível em: <http://www.ehess.fr/cerma/brasilpresent.html>, acesso em: 02/03/2004.
- BALDUS, H. 1927. Os índios Chamacocos e sua língua. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, tomo XV, p. 5-71.
- CARTAS ÂNUAS, 1735-1743. *Cartas anuas de la Provincia del Paraguay (1735-1743, Tercera Parte). Las Misiones de los indios Chiquitos*. Tradução dos originais para o espanhol de Carlos Leonhardt, S.J. (1928), p. 486-543 (cópia digital depositada no Instituto Anchietano de Pesquisas).
- CHARLEVOIX, P.F.J. de. 1916. *Historia del Paraguay*. Madrid, Victoriano Suárez, tomo VI, 466 p.
- GANDÍA, E. de. 1935. *Historia de Santa Cruz de la Sierra: Una nueva republica en Sud America*. Buenos Aires, L.J. Rosso, 210 p.
- GUERREIRA, C.B. 1995. Las misiones de Chiquitos: pervivencia y resistencia de un modelo de colonización. *Revista Complutense de Historia de América*, 21:29-83.
- PASTELLS, P. 1946. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil) según los documentos originales del Archivo General de Indias*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto Santo Toribio de Mogrovejo, tomo VI (1715-1731), 686 p.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; ROSA, A.O. e BEBER, M.V. 1998. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 54:9-272.
- SCHUCH, M.E.J. 1991. *As Missões de Chiquitos na Bolívia: história e etno-história*. São Leopoldo, RS. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 82 p.
- SUSNIK, B. 1972. *Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia: enfoque etnológico*. Resistencia, Universidad Nacional del Nordeste, 32 p.

Submetido em: 12/03/2006

Aceito em: 02/10/2006

Fúlvio Vinícius Arnt
Antiga Sede – UNISINOS
Rua Brasil, 725, Caixa Postal, 275, 93001-970
São Leopoldo, RS, Brasil